

**“MINHA FAMÍLIA É A HUMANIDADE”:
INTERNACIONALISMO E ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA
NO BRASIL (1900-1920)**

Davi Luiz Paulino⁶⁴⁸

SANTOS, Kauan Willian dos. “Paz entre nós, Guerra aos Senhores”: anarquistas em São Paulo diante à Primeira Guerra Mundial. Curitiba: Prismas, 2017. 244pp.

Costuma-se encontrar referências ao anarquismo na historiografia tradicional como um fenômeno prematuro da classe operária, caracterizando-se, portanto, como um processo embrionário que resultaria no amadurecimento da classe, constituindo-se como partido político. Essa visão é encontrada em obras consagradas, como Trabalho Urbano e Conflito Social de Boris Fausto, que apresentam posicionamento semelhante quando se dispõe a estudar o anarquismo no Brasil.

Neste contexto, temos a obra “Paz entre nós, Guerra aos Senhores” de Kauan Willian dos Santos, livro resultante de sua dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo em 2016. Seu estudo busca contribuir rebatendo tais interpretações acerca do anarquismo e ampliar o debate sobre as formas de organização do movimento operário nas duas primeiras décadas do século XX em São Paulo.

No primeiro capítulo, Santos analisa a construção do anarquismo em perspectiva global mostrando como os libertários no Brasil foram influenciados em seus debates sobre o internacionalismo pelo Congresso de Amsterdã realizado em 1907, que defendia o posicionamento contrário aos conflitos bélicos e a formação de exércitos regulares. Analisa também o ideário anti-imperialista, pois é importante ressaltar que o período estudado pelo autor

⁶⁴⁸ Graduando em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (<http://lattes.cnpq.br/6102644158388550>).

Artigo recebido em 10/07/2018 e aprovado em 09/09/2018.

perpassa pela Primeira Grande Guerra, que também será objeto de debate entre os trabalhadores.

Para analisar esses debates, o autor se ampara na historiografia sobre o tema e baseando-se na obra *Sob três bandeiras: anarquismo e imaginação anticolonial* de Benedict Anderson, ele busca traçar a diferença entre transnacionalismo e internacionalismo, de acordo com Santos:

É preciso marcar as diferenças entre “internacionalismo” e “transnacionalismo” usados em muitas pesquisas de forma indiscriminada. O Internacionalismo se refere aos movimentos, aqui dentro dos debates socialistas, que consideraram a importância de participação de diferentes grupos em conjunto, nacionais e étnicos, para a construção da sociedade igualitária. Mas, como Benedict Anderson alerta, tal intuito não descartou a influência do ideário étnico ou nacional na circulação de ideias e experiências revolucionárias. Em alguns casos, no processo transnacional, o nacionalismo, por vezes, impregnava os discursos internacionalistas, adaptando os movimentos como o socialismo, anarquismo e a estratégia do sindicalismo revolucionário.⁶⁴⁹

Começamos a perceber, então, as contribuições da obra, quando o autor, buscando compreender a construção do ideário libertário, refuta a tese de que anarcocomunismo e anarcossindicalismo seriam ideologias presentes nos círculos operários, mostrando que, na verdade, são estratégias de luta presente no anarquismo, pois para Santos, a ideologia se configura por um conjunto de ideias e valores que para os libertários seria a defesa da autogestão, da sociedade igualitária e do federalismo. Ressaltando suas contribuições, o autor busca apresentar a complexidade das estratégias anarquistas no período, mostrando que elas podem ser divididas entre os adeptos do antiorganizacionismo e do organizacionismo, a primeira caracterizando-se pela recusa da participação nos sindicatos, pois acreditavam que esses emperravam a insurreição dos trabalhadores, tais posicionamentos apareciam no periódico *La Battaglia*, em contrapartida, os

⁶⁴⁹ SANTOS, Kauan Willian dos. “*Paz entre nós, Guerra aos Senhores*”: anarquistas em São Paulo diante à Primeira Guerra Mundial. Curitiba: Prismas, 2017, p. 36.

organizacionistas contavam com militantes conhecidos como Edgard Leuenroth, Neno Vasco e Benjamin Motta que em torno do *O Amigo do Povo* defendiam a participação dos libertários nos sindicatos para alavancar a disseminação dos ideais anarquistas, já que dessa forma minariam o reformismo presente nesses espaços tornando-os assim mais combativos. Com isso o autor refuta teses de estudiosos como Edgard Carone e Boris Fausto, que apresentam o anarquismo como um fenômeno contraposto à organização ou as de que ele seria antítese do sindicalismo revolucionário.

Continuando com as contribuições de sua obra, o segundo capítulo aborda a recepção das ideias e das experiências anarquistas em São Paulo nas duas primeiras décadas do século XX, mostrando como o anarquismo se inseriu à realidade específica paulista, pois com o auxílio dos periódicos produzidos na época, ele constata que o “problema da vida” era retratado com frequência, demonstrando a insalubridade das moradias dos trabalhadores, dos locais de trabalho e também denunciavam a constante repressão que sofriam. Segundo o autor, os jornais funcionavam como elementos aglutinadores de grupos, preocupavam-se com a disseminação do projeto anarquista, além de organizarem movimentos e associações com caráter de resistência, aspecto que se assemelha ao mutualismo de inspiração proudhouniana.

Com isso, fica claro para Santos que a estratégia organizacionista desde o início buscou a inserção aos movimentos sociais, constituídos com o intuito de radicalizar as exigências dos trabalhadores, sempre atrelados às tentativas de transformação de ordem social e política.

Kauan dos Santos trabalha a construção do movimento operário na perspectiva anarquista não só em São Paulo, mas constata a participação libertária na organização da Confederação Operária Brasileira (COB) e da Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ), com isso fica claro que o

organizacionismo dos anarquistas estava presente na vida e na prática de luta dos trabalhadores nas primeiras décadas do século XX.

Na segunda década do século em questão, o clima de beligerância entre as potências europeias encontrou reflexo no país, isso é exposto pelo autor a partir do periódico *A Lanterna* no quadro intitulado “Mundo Operário”, no qual é possível constatar o relato dos problemas que envolviam trabalhadores, suas ações grevistas e reivindicativas e também a crítica à guerra que para os libertários era um conflito para definição da hegemonia capitalista, portanto, o proletariado não deveria compactuar com esse processo.

Ancorado no estudo dos periódicos, Santos trabalhará sobre os jornais *Guerra Sociale* e *A Plebe* no terceiro capítulo, examinando o caráter internacionalista do anarquismo em sua crítica à beligerância. Para o primeiro, a guerra seria interesses de capitais, luta de diferentes grupos financeiros, expansionismo colonial, estatismo e nacionalismo. Posicionamento parecido também será encontrado entre os editores de *A Plebe*.

Ainda no terceiro capítulo, o autor trará o debate acerca das razões do declínio do anarquismo nas décadas seguintes, refutando a ideia de que tal fato ocorrera devido à falta de organização dos libertários. Ele mostra que a organização sempre estivera presente em grupos anarquistas, pois, a construção da Aliança Anarquista seria um exemplo claro desse projeto.

Com o intuito de ser um órgão aglutinador de grupos ácratas, a Aliança Anarquista também proporia a arrecadação de fundos para reuniões e criação de organizações. Tal ponto é interessante, pois mostra como o anarquismo sempre estava se modificando para acompanhar o próprio desenvolvimento da classe produtora. O autor, ao se basear no pensamento de Thompson, trabalhará ao longo de toda a obra sob a perspectiva

metodológica de que o operariado está em um constante processo de fazer-se classe.

Outra contribuição importante do livro de Kauan dos Santos é trazer a experiência da militância libertária das mulheres, como a criação do Centro Feminino de Educação. Essa proposta encabeçada pela editora de *A Plebe*, Isabel Cerruti, partia da concepção de que a luta feminina deveria estar atrelada à transformação social, com o intuito de alcançar “a destruição de qualquer ideário, além da esfera política e econômica, que pudesse reproduzir alguma forma de desigualdade entre o gênero humano como um todo.”⁶⁵⁰

No quarto e último capítulo encontramos reflexões acerca da experiência grevista e o impacto da revolução russa no pensamento libertário em São Paulo. Para Santos a participação dos anarquistas na construção do movimento proletário nas duas décadas do século XX repercutiu na Greve Geral de 1917, que por meio da estratégia organizacionista muitos militantes inseriram-se em órgãos da classe trabalhadora e em muitos casos contribuíram na formação dos mesmos. Como exemplo, temos a criação das ligas de bairros que constituirão a União Geral dos Trabalhadores (UGT) refletindo presença de sindicalistas, anarquistas e socialistas.

Além disso, como aponta o autor, mesmo contendo ideologias diversas, o grosso dos trabalhadores na onda grevista optavam pela estratégia da ação direta e reivindicava a autogestão, ou seja, partiam claramente de princípios anárquicos que se encontravam profundamente inseridos na sociabilidade operária.

Com a eclosão da revolução na Rússia, o movimento anarquista em seus periódicos defendia com entusiasmo o acontecimento, pois acreditavam

⁶⁵⁰ SANTOS, Kauan Willian dos. “*Paz entre nós, Guerra aos Senhores*”: anarquistas em São Paulo diante à Primeira Guerra Mundial. Curitiba: Prismas, 2017, p. 156.

que a revolução tomaria caminhos diferentes, realizando as aspirações libertárias da autogestão e do federalismo. No entanto, quando percebem que o processo tendia à bolchevização o movimento começa a tecer críticas em seus jornais, tais como *La Propaganda Libertaria*, *Guerra Sociale* e *A Plebe*, alertando os trabalhadores para o possível aspecto autoritário que tomaria a revolução.

Concluindo sua obra, o autor reflete sobre os processos de criação do Partido Comunista do Brasil, verificando que na sua origem contou com forte participação libertária, pois os militantes acreditavam que trabalhando dentro do partido poderiam cultivar a ideologia anárquica e tal proposta exigiria grande esforço dos militantes. Com a repressão que caíra sobre eles devido à forte presença anarquista na greve, Santos mostra a perseguição à militância, visto que, para as autoridades brasileiras ela seria a grande responsável pela organização das lutas dos trabalhadores no início do século XX, a comprovação desta tese é encontrada nos documentos sobre a construção do “campo de concentração” em Clevelândia na região norte do país para onde eram enviados militantes anarquistas, que eram submetidos ao trabalho forçado.

A partir da preocupação e da constante intensificação da repressão promovida pelas autoridades, podemos concluir que o anarquismo fora uma das maiores presenças no movimento operário no período estudado por Santos. Seu declínio, mas não desaparecimento, estava ancorado na tríade repressão, perseguição e exílio em Clevelândia.

Baseados em todos os apontamentos feitos até o momento, acreditamos que o livro de Kauan Willian dos Santos se apresenta como uma importante contribuição ao estudo das origens da organização proletária, pois além de refutar algumas leituras acerca do universo ácrata, demonstra o quão complexo fora a construção do ideário libertário no país e que por mais

que houvesse o declínio desta ideologia, seja pela repressão ou por novas formas organizativas, ela nunca desapareceu do meio operário.